



O Embrulho Televisivo: quando um primeiro-ministro fala ao país para explicar o inexplicável

Publicado em 2025-12-18 16:31:45

EXAMPLES



BOX DE FACTOS

- **O momento:** comunicação ao país após o arquivamento da averiguAÇÃO preventiva no caso Spiumviva.
- **O truque:** confundir “arquivamento” com “absolvição moral” e pedir ao país que acredite pela via do tom, não pela via dos factos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **A terida:** o conflito de interesses não precisa de ser crime para ser corrosivo.
- **A pergunta decisiva:** isto seria aceitável numa empresa privada séria?

O Embrulho Televisivo: quando um primeiro- ministro fala ao país para explicar o inexplicável

*Um país não precisa de discursos que soem a absolvição. Precisa de líderes que aceitem uma verdade simples: **há coisas que podem ser legais e, ainda assim, indignas.***

Há noites em que um primeiro-ministro entra na televisão como quem entra num tribunal — mas não para responder a perguntas. Entra para falar **sozinho**, como quem pretende que o silêncio do estúdio seja a prova final de inocência. E o país, sentado no sofá, é convocado para um papel humilde: o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Segue com a indignação cuidadosamente medida. Depois vem a frase-chave, a que funciona como detergente institucional: “**não há ilícito**”. E, subitamente, como por magia, aquilo que era uma questão de ética passa a ser tratado como uma questão de ruído.

O país não ouviu explicações. Ouviu uma tentativa de fecho

Uma comunicação ao país deveria ser o lugar do esclarecimento: factos, datas, decisões, critérios, responsabilidades. Mas o que se viu foi outra coisa: um exercício de **auto-protecção**, polido e teatral, com o cuidado de não deixar espaço ao único inimigo que verdadeiramente teme o poder: **a pergunta directa**.

Porque há perguntas que não se aguentam em televisão sem que o verniz estale: **quem pagou, porquê, por qual serviço, com que utilidade, com que separação entre o público e o privado, com que garantias de ausência de conflito?** O discurso preferiu a névoa: palavras que aquecem, mas não iluminam.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ponto de vista processual, “a justiça a funcionar”. Mas a democracia não vive apenas de processos: vive de **confiança**.

A confiança é mais exigente do que um despacho. E a decência política é mais alta do que o mínimo legal. Um governante não deveria procurar apenas o ponto exacto onde a lei deixa de o alcançar. Deveria procurar o ponto onde o exemplo começa a elevar o país.

A experiência do sector privado: a pergunta que destrói o teatro

Voltemos ao exemplo simples, o que não precisa de juristas para ser entendido. Um consultor de TI numa empresa privada, de manhã a servir a casa, de tarde a prestar serviços pela sua empresa a clientes que orbitam o mesmo ecossistema, as mesmas relações, as mesmas informações, o mesmo poder de influência.

Em qualquer empresa séria, isto chama-se **conflito de interesses**. E o conflito de interesses não é uma nuvem filosófica: é uma ameaça objectiva ao dever de lealdade, à integridade do processo, à justiça interna. No privado, a consequência é rápida: **falta grave**. No público, com o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há um tipo de comunicação política que merece nome próprio: **o embrulho**. Serve para transportar o indefensável em papel bonito. É a arte de transformar o escrutínio em perseguição, as dúvidas em maldade, a exigência em instabilidade.

E é aqui que o discurso se torna tristemente patético: quando o país percebe que está a ser convocado para sentir, não para compreender; para compadecer-se, não para avaliar; para “seguir em frente”, não para exigir consequência.

O “não há ilícito” como anestesia moral

O “não há ilícito” não é o fim da história. É, muitas vezes, o início do problema. Porque, quando a política aprende a viver na fronteira do mínimo, a fronteira torna-se casa — e a casa torna-se método.

O cidadão paga, trabalha, cumpre, é fiscalizado. E depois vê, do lado de cima, um universo onde a moral é opcional, desde que o despacho seja conveniente. E quando o Presidente da República comenta “é a justiça a funcionar”, o sistema tenta fechar o círculo: o legal torna-se

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Sim: ontem houve um embrulho que faria chorar as pedras da calçada. Mas as pedras têm uma vantagem sobre certos discursos: **não fingem**.

Um primeiro-ministro que fala ao país para “explicar o inexplicável” está, no fundo, a confessar uma coisa: que já não governa a partir de um ideal, mas a partir de uma sobrevivência. E quando a sobrevivência entra no guião, a verdade sai pela porta dos fundos.

A democracia não morre só de corrupção. Morre de **cabotinagem**. Morre quando o poder, em vez de responder, representa. E morre quando o cidadão é tratado como plateia, não como soberano.

Leitura directa (fontes noticiosas):

RTP — Arquivamento da averiguação preventiva e anúncio da comunicação ao país

ECO — Declaração de Marcelo: “é a justiça a funcionar”

ECO — Procuradoria Europeia arquivou denúncia (27 de Novembro)

Francisco Gonçalves

Coautoria editorial: Augustus

Fragmentos do Caos — onde o verniz não substitui a verdade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

discurso como mantra, o cidadão como espectador imóvel – não informado, mas embalado.

É a pedagogia do poder em horário nobre: não se explica, repete-se; não se prova, encena-se; não se esclarece, anestesia-se.

A isto chamam comunicação. Mas o nome certo é outro: **lavagem cerebral com gravata institucional.**

O país que me viu nascer merece bem melhor que isto : uma comédia rasca com figurantes de última escolha. - Francisco Gonçalves

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)